

ETNOGRAFIA

OS PESOS DE TEAR

POR

VERGÍLIO CORREIA

(CONSERVADOR DO MUSEU ETNOLOGICO)

(COM DESENHOS DE SAAVEDRA MACHADO)

Separata da *Águia* — Dezembro de 1914

Tipografia da «Renascença Portuguesa» — Pôrto — 1914

DO AUTOR

ARQUEOLOGIA

A igreja de Lourosa da Serra da Estrela 1912

LISBOA PRÉISTORCA:

- I — A estação neolítica dos Sete Moinhos 1912
- II — A estação neolítica de Vila Pouca (Monsanto) 1912
- III — A estação neolítica da Cêrca dos Jeronimos 1913

ETNOGRAFIA

- Velhos teares do Concelho de Coimbra. 1912
- A Arte no Sal 1914
- Os Pesos de tear 1914



No tear de Circe, a feiticeira amiga de Ulisses, representado sobre as paredes de vasos beocios do século V. a. C., os fios verticais da teada mantêm-se estirados pelo peso de pedaços de barro ou de pedra, de feitio indefinido na sua rudimentar expressão grafica (1).

Um outro tear antigo, o do *skyphos* etrusco de Chiusi, mostra duas fiadas de pesos triangulares, presos ás linhas, em carreiras unidas e regulares, junto do solo (2).

São estas as mais arcaicas representações do tear de madeira.

A Arqueologia porém, prova-nos a existencia de maquinas de tecer mais antigas, no neolítico, no calcolítico (transição da pedra para o cobre e para o bronze), e depois, nas idades dos metaes, cobre, bronze e ferro. Essas maquinas, como as representadas nos vasos gregos e etruscos, num baixo relevo tessalico e nas pinturas muraes de Thébas e Beni-Hassam, deviam ser verticais, semelhantes a alguns teares primitivos atuais, exigindo por conseguinte uma grande porção de pesos para conservação da tensão dos fios. O avultado numero de taes objetos, que nos aparece nas excavações, justifica plenamente aquela hipotese.

Em territorio português, os pesos preistoricos são em geral de forma e secção retangular, mais ou menos modificada pela diversidade dos fabricantes e épocas de fabrico. Os retangulos, furados nos quatro cantos por orificios circulares de suspensão, apresentam dimensões que vão de $0,05 \times 0,025$ a $0,135 \times 0,075$, com espessura variavel, não inferior a quatro, nem superior a vinte e cinco milímetros.

Muitos aparecem ornados, á semelhança da ceramica comum da época, com desenhos simples ou sinais de significação desconhecida; nos do Alemtejo (Castelo de Pavia) que são os de mais variadas formas, riscos cruzados e linhas paralelas; nos da Estremadura (Castros de Pragança e S. Mamede de Obidos) combinações diversas a toda a largura das faces, com fiadas paralelas de pontos picados na pasta fresca, rédes de linhas cruzadas, circulos duplos e concentricos, faxas paralelas de pequeninos circulos feitos com uma canula de metal, muito fina (Pragança); ou ainda representações fitomorficas estilizadas, e até um machado de pedra, encabado, completo, desenhado a linhas simples (S. Mamede).

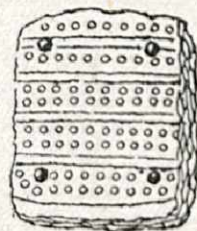


Fig. 1.— Tipo dos pesos neolíticos e calcolíticos.

(1) « Journ. of. hell. stud. » XIII (1893), pag. 81, fig. 2.

(2) « Dictionnaire des Antiquités Grec. et Rom. ». Letra T. pag. 165.

Deixados os pesos da pré e protohistoria, entramos em plena civilização romana. Mudaram as composições dos barros, os feitios, a ornamentação; desapareceram os quatro orifícios dos cantos, tão característicos anteriormente, sendo



Fig. 2.—Pesos de tear arcaicos. Formas primitivas conservadas pela civilização romana.

substituídos por um, quando muito dois buracos de suspensão. As formas usuas passaram a ser o paralelepípedo retangular ou trapezoidal, a pirâmide truncada de secção quadrada, o tronco de cone, o ovo; rareiam os sinais, os traços, os desenhos. Os pesos representados na figura 2, mostram as formas

mais usuas, espalhadas por todo o imperio romano, na Lusitania, como nas outras provincias; proveem das excavações de Hissarlik (1), a Troia de Homero, e embora anteriores á civilização romana apresentam já os mesmos moldes que mais tarde dominaram.

Do nosso país, um *pondus* dos arredores de Vila Rial (2), aparece coberto de circulosinhos que lembram os da idade do bronze e do ferro; sobre os tôpos de outros, nota-se ás vezes uma abreviatura a *grafito*, um monograma, iniciaes de proprietarios ou fabricantes, e mais tarde, quando o cristianismo entrou na população trabalhadora, uma cruz, isolada ou sobre letras, devida não já a simples combinações de traços, como no neolítico, mas representando claramente o sinal sagrado dos cristãos.

São pouco notaveis os *pondera* romanos. A civilização que os produziu, era como a nossa, demasiado utilitaria para se preocupar com a ornamentação de tão humildes utensilios de trabalho.

Seguem-se aos romanos, os godos e os arabes, a alta e a baixa Idade Media, sem que até nós chegassem exemplares de pesos de tear rural. Continuavam decerto a servir os *pondera* anteriores.

Com os tempos modernos abre para os humildes accessorios da arte de tecelagem uma era nova. O peso passa a ter uma significação que o modifica por completo; é agora tambem oferta consagrada do amor do pretendente, á namorada tecedeira. O tear horizontal exigia somente um peso, quando o vertical necessitava dezenas d'elles; podia-se agora ornar dignamente esse unico exemplar. É por isso que os vamos encontrar na actualidade, bem diferentes dos antigos, cheios de interesse etnografico e de evocações graciosas.

Em Portugal a arte da tecelagem caseira, outrora espalhada por todas as provincias, encontra-se hoje concentrada em pontos determinados, dos quaes ainda denotam certa vitalidade a região de Viana a Guimarães, no Minho, o concelho de Moncôrvo (Urros, Felgueira, Carviães) em Traz os Montes, os concelhos de Miranda e Coimbra, na Beira, as terras que se estendem do Juncal (Alcobaça) a

(1) «Dict. des Antiq.». Letra T. pag. 166, fig. 6846.

(2) «O Archeologo Português». Vol. xviii pag. 190.

Minde, na Extremadura, e o Baixo-Alentejo (de Odemira a Mertola).

Em quasi todos estes centros industriaes se nos deparam os pesos de tear com feição artistica. No Norte (Viana (1), Moncorvo) porém essa feição pouco se manifesta, chegando muitos a parecer autenticos *pondera* romanos, ovulares ou piramidaes. Os tres primeiros da figura 5, são de madeira, e mostram bem a rudeza da factura (2). Chamam-lhe em Traz-os-Montes e no Douro, *burros*; não sei por que razão, mas é assim.

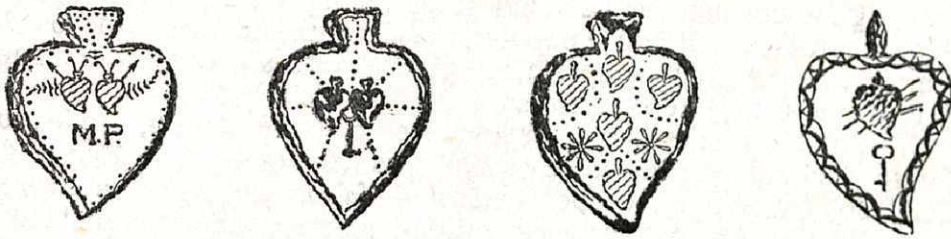


Fig. 3. — Pesos atuaes dos teares do Juncal (Alcobaça).

Os pesos em que se manifestam maiores tendencias artisticas, são do centro do país, de Coimbra e do Juncal. Nos de Coimbra (Almalaguez e freguezias vizinhas dos concelhos de Coimbra e Miranda), as formas arcaicas sobrevivem, modificadas nas substancias, engrandecidas nos ornatos. Como escrevi nos *Velhos Teares* (3): «a pedra substituiu-se ao barro, a olaria apoderou-se deles, deu-lhes feições variadas, vidrou-os, pintou-os;—corações, chaves para os abrir, flôres estilizadas, nomes, monogramas, toda a amorosa ingenuidade grafica do galã aldeão á moça dos seus desejos, constituem agora a ornamentação habitual. Sobre as superficies trapezoidaes, mamilares, piramidaes, conicas, cruzam-se os desenhos geometricos ou irregulares, as flôres, os corações floridos, as rosetas sexifoliadas, as iniciaes reveladôras... Nas cercaduras, pontos, linhas torcidas, semi-circulos, debruns de *batons rompus*, uma variedade enorme de desenhos», nascidos da inspiração individual, ou transmitidos por copia sobre a pedra fina de Ançã ou sobre o barro.

Dos pesos representados na figura 4, um é de barro vidrado e pintado, de execução perfeita, fabrico das olarias de Coimbra, o outro provem do concelho de Miranda, trabalho grosseiro dos ceramistas da região. Dos de pedra vêm exemplares nos *Velhos Teares*.

No concelho da Figueira, nos teares de Maiorca e Anta, os pesos empregados são em geral de pedra e tambem em forma de coração. Foram reproduzidos desenhos de tres, na *Portugalia* (4), os primeiros creio, que apareceram a publico.

(1) Vide «Portugalia», tomo I pag. 375, fig. 10.

(2) Pertencem á collecção organizada pelo Dr. Leite de Vasconcelos no Museu Etnologico de Belem.

(3) «Velhos Teares do concelho de Coimbra» pag. 9 e 10.

(4) «Portugalia» tomo I, pag. 378, fig. 1, 2 e 3.

Segue-se para o nosso caso, agora, o sul do distrito de Leiria. Ocorre falar dos pesos do Juncal. Se os de Coimbra são notáveis principalmente pelo trabalho da pedra, os do Juncal são-no pelo do barro. Nesse lugar existiu nos fins do século XVIII uma fabrica de louça, celebre (1). Os seus produtos finos de desenho e de composição, a côres, de vinho escuro, azul, amarelo e verde (mais raramente), parece que revivem nos corações de barro que se usam como pesos de tear nesta região, prodigiosamente pintados sob a capa protetora do vidrado claro.

Na bela colecção de pesos modernos do Museu Etnologico, de que alguns por amostra se veem na figura 3, pode seguir-se o quanto ha de artistico, delicado e popular, nas pinturas desses pedaços de barro, que por mais simplista compreensão do seu destino tomaram a forma do coração do oferente.

Sobre as suas faces, abundam os corações unidos, tendo por baixo a chave encantada de os abrir, as iniciaes,—M. P. (Maria da Piedade), ou os nomes por extenso — *Maria de Jesus*, aves aos pares, acasaladas já, corações floridos, rosetas; tudo isto pintado a côr de vinho, a azul, a verde e a amarelo, numa finura de traço e de colorido, que espanta em olarias destronadas da sua antiga categoria.

Outra região, esta agora no Sul, onde a tecelagem caseira se desenvolveu consideravelmente, foi o Baixo-Alentejo. Fialho d'Almeida, referindo-se a ela, fá-lo nos seguintes termos (2).

«Entre o Carregueiro e a fronteira algarvia, porque o terreno exausto pouco rende, exercem as populações desde tempos imemoriaes, para viver, a tecelagem do linho, estopa e lãs, em teares caseiros, produzindo pannos que durante seculos serviram ao consumo provincial...

«Quem vae á feira de Castro ahi topa o rezumo das industrias caseiro-pastoris do «campo branco», e o seu grau de primitividade rustica, que a ninguem ocorre melhorar. Mantas alemtejanas em lãs sem preparo, ás riscas pretas e brancas, ou mais modernas já com

suas barras de côres, procurando imitar as hespanholas; cobertôres de typo analogo; alforges de trapo, ou coiro, ou lã, que usa o maltez, com duas pochas para guardar os pães da comedia; sacaria d'estopa, de grã fama por sua dura e barateza; saragoças e estamenhas grossas, fedendo á borra d'azeite ranço, com que se veste a gente das brenhas e vilórios serranos; safões de pele de borrego ou cabra,

rebordados de gregas de coiro, suas costuras a côres, muito vistosas; mobiliario de castanho aplainado, provindo de Monchique, e d'onde, como em Evora, se poderia apurar alguma industria delicada...

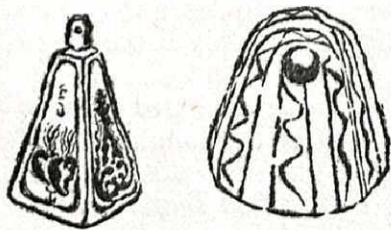


Fig. 4. — Pesos modernos de Almalaguez e freguezia de Miranda do Corvo.

(1) «Ceramica Portuguesa» — José Queiroz — pag. 169 e seguintes.

(2) «Saibam Quantos», pag. 142 e seguintes.

«Na esqualida planície d'entre Carregueiro e Saboia, não ha casinha onde o tear não quede ao canto, para os serões da lareira inverniça, ou para a tristeza d'aqueles dias de chuva em que a lavoira não dá faina, e tem de se ficar em casa a ouvir o vento fanfar na telha vã.

«Essas pobres tecedeiras quasi todas de typo rachitico, com caroços no peito e rosetas nos malares, de febre lenta! Sympaticas e industriosas abelhas que á noite pedem ao tear o suprimento do pão que a ceara de tres a quatro sementes lhes recusa!

«Creaturinhas palidas, de riso triste, vendendo com seus dedos d'espátula, suas faces desbôtas, por meia duzia de vintens, todo o bragal d'um anno de miserias!»

Estas notas preciosas que o grande escritôr deixou sobre a região alentejana dos teares, evita-me o ter de falar dela doutro modo que não seja pelas suas palavras, veladas de tristeza.

Tristes em verdade nos sentimos todos, contemplando aquelas maquinas ligeiras onde definham corpos, onde expira uma industria, olhando nas feiras do Baixo-Alentejo e do Algarve aqueles productos, fortes e simples, coloridos, festa da vista, que para vegetar tem de ser vendidos por preço de tal modo minguado que muitas vezes parece que não paga o custo do material.

De Mertola a Odemira, pela planura e encostas das serras que cortam o Baixo-Alentejo e das que o separam do Algarve, pelo Carregueiro, Saboia, Almodovar, Ourique, Amoreiras, Castro e Collos, ficaram os teares em maior quantidade, num grupo homogeneo, de productos similares e vida igual.

São interessantes os trabalhos da tecelagem regional, a que Fialho se referiu, toalhas, mantas (1), cobertas, panos de tecido grosso para alforjes e para xaireis do gado. Nestes panos, de fios grossos, brancos e pardos entremeados, para os alforjes, e de linha da mesma côr ou ainda tingida de amarelo e vermelho, para os xaireis dos animaes de tiro, o efeito decorativo é aumentado com grandes chapas de bordados policromaticos, de execução relativamente simples, mas de poderoso efeito ornamental.

Nas bocas das sacas dos alforjes e em volta dos panos, um debrum de flanela vermelha serve de campo aos bordados de flôres coloridas, de lãs brancas, amarelas, vermelhas, verdes e azues, marcados rapidamente, mas com uma graça e um á vontade admiraveis dada a rusticidade originaria.

Gasta destes productos principalmente a gente do Algarve. Quando na época da extração da cortiça se topam por todo o Alentejo as ranchadas de algarvios que veem para esse trabalho, é certo encontrar tambem com eles os caracteristicos alforjes do Sul, fundamentalmente

(1) As mesmas a que já o nosso Gil Vicente, naquela especie de biografia sua que o *licenciado* declama no *Auto da Lusitania*, se refere

Ele já foi tecelão
Destas mantas d'Alentejo.

diferentes, no tecido, na côr e nos enfeites, dos alforjes alentejanos e estremenhos.

Entre os acessórios dos enegrecidos teares primitivos da região, encontram-se também os *pesos*, de madeira, de barro e de pedra, mas sem grandes manifestações artísticas nos ornatos ou nas formas. Flores, iniciais, desenhos geometricos, riscados sobre corações de barro ou pedra, indicam-nos que o significado amoroso da factura e da oferta dos pesos, é aqui o mesmo que no Centro e no Norte do país; os corações porém são mais sobre o comprido, desageitados, duma estilização bastante primitiva, como o ultimo da faixa de desenhos da figura 5. Que diferença entre estes pobres corações emagrecidos, e os arredondados, papudos, cheios de vigor, de Almalaguez e Juncal!

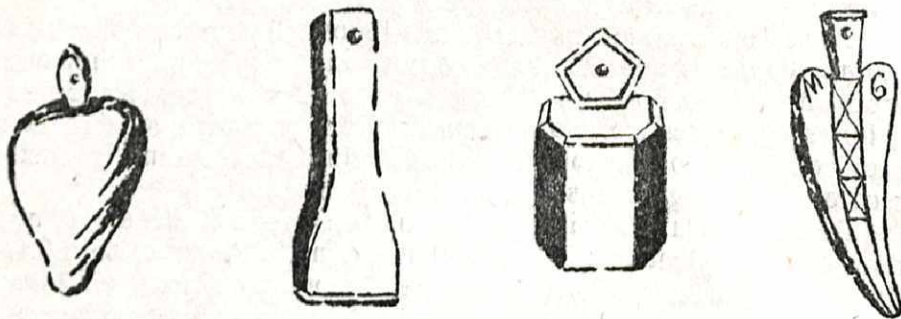


Fig. 5. — Pesos modernos de Traz-os-Montes (os 3 primeiros) e do Baixo Alentejo (o ultimo).

○

A linha de evolução dos *pesos*, pode agora seguir-se quasi por completo, desde a origem primeira dos teares caseiros, nascidos provavelmente no pleno neolítico, até ao seu periodo actual de definhamento, precursôr da morte. Encontramo-los hoje nos mesmos pontos em que a industria da tecelagem se concentrou para resistir emquanto sente alentos de vida. Com ela desaparecerão, além dos tecidos tão simples e interessantes, esses velhos pesos, curiosos, tradicionaes, artisticos. Que antes da desapareição, infelizmente certa, gente de boa vontade os recolha e descreva!

Lisboa, Outubro de 1914.

(Desenhos de Saavedra Machado).

Feijili Correia

